



O CORPO E SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO

(The Body and its relation with the Sacred)

Luiz Gustavo Santos Teixeira

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

Especialista em Liturgia pelo Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard e Unisal/SP

Bacharel em Teologia pelo Centro Educacional Claretiano

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dehoniana

E-mail: luizgustavo100@yahoo.com.br

RESUMO

Nos dias atuais, na atual secularização das religiões, em especial do cristianismo, percebemos que nas celebrações dos sacramentos, em geral do batismo e eucaristia, as pessoas vão em busca de algo para dar sentido à vida, que nem elas sabem ao certo o que seja, mas, mesmo assim, através dos ritos litúrgicos, manifestados através das expressões corporais, tentam fazer com que a vida entre em conformidade com a fé, mesmo que de forma ainda superficial. Através da teologia dos sacramentos, da teologia da revelação e antropologia poderemos perceber que a relação do ser humano com Deus continua sendo muito presente e atual e não algo “desconhecido” ou até mesmo “perdido”. Dessa forma, o ser humano continua ainda buscando uma relação de proximidade com o Ser que o criou à sua Imagem e Semelhança, que pode ser percebido e manifesto nas celebrações litúrgicas, não esquecendo o caráter comunitário de cada ato litúrgico e suas expressões.

Palavras-Chave: Rito; Corpo; Ser Humano; Deus.

ABSTRACT

In the current secularization of religion nowadays, particularly of Christianity, we see that in the celebrations of the sacraments, specially Baptism and Eucharist, people are looking for something to give their lives sense, that they even don't know for sure what is, but through the liturgical rites, expressed by the body language, try to make life in accordance with faith, even though still in a superficial way. Through the theology of the sacraments, theology of revelation and anthropology we realize that the relationship between the human being and God is still very present and currently up-to-date, and not something "unknown" or even "lost". Thus, the human being is still seeking a close relationship with the Being who created him at His image and likeness that can be realized and manifested in liturgical celebrations, not forgetting the communal character of each liturgical act and its expressions.

Keywords: Rite; Body; Human Being; God.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, na atual secularização das religiões, em especial do cristianismo, percebemos que nas celebrações dos sacramentos, em geral do batismo e eucaristia, as pessoas vão em busca de algo para dar sentido à vida, que nem elas sabem ao certo o que seja.

Através dos ritos litúrgicos, manifestados nas expressões corporais, tentam fazer com que a vida entre em conformidade com a fé, mesmo que de forma ainda superficial. Através da teologia do corpo proposta por João Paulo II, da teologia dos sacramentos, da teologia da revelação e antropologia poderemos perceber que a relação do ser humano com Deus continua sendo muito presente e atual, e não algo “desconhecido” ou até mesmo “perdido”.



Assim sendo, a presente comunicação é dividida em três partes e uma conclusão. A primeira parte abordará a questão do ser humano, feito à Imagem e Semelhança de Deus, de como busca uma experiência relacional com o criador.

Na segunda parte abordaremos a questão do corpo e como essa dimensão própria do ser humano foi sendo deturpada, mas que possui a sua dignidade e que ajuda as pessoas a expressar seus sentimentos e buscar por um sentido na vida, através dos ritos.

Por fim, na terceira parte trataremos dos sacramentos e ritos celebrados como maneiras de expressão da fé, de como os fiéis, através dos sentidos, participam dos mistérios de Deus e como deveriam expressar isso na realidade que a rodeiam.

1. SER HUMANO: IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Deus, em sua infinita bondade, deposita algo de si nas criaturas que criou. Ao homem, inseriu sua essência, que permite às pessoas entrar em contato com o Criador, um processo relacional¹. Dessa forma, durante a vida, o homem busca, mesmo que de forma inconsciente, um sentido para existência, uma busca por algo que está fora dele, que para alguns pode ser a busca pelo conhecimento, a busca de provar algo ou a busca por algo transcendente.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, tem uma necessidade intrínseca de relação com o Criador. No entanto, não é uma relação de submissão; é uma relação de amor, exige fé. Infelizmente, essa relação está sendo posta de lado porque o ser humano, influenciado pelo meio em que vive, não quer seguir a verdade revelada e se curva às próprias vontades.

Muitos abandonam silenciosamente sua fé em Deus, sendo secularizados antes que eles próprios percebam; outros não se sujeitam tão facilmente à pressão social de dentro e fora; e outros ainda começam a “resgatar” com sua fé: abandonam certas práticas de fé e conservam outras².

A revelação assume a forma de imagem bem concreta da visão de Deus e do futuro do mundo. Com a eleição de Israel, por exemplo, temos um conteúdo sacramental concreto, porque a Terra é o grande sinal que demonstra o quanto Deus ama o seu povo.

O povo se relaciona com o Deus libertador, que pede lealdade e afastamento dos deuses que apenas o escravizariam de novo. A Aliança é o momento decisivo na história da revelação. Como mencionado no primeiro capítulo, o grande marco foi a libertação do Egito, e o ápice foi e é Jesus Cristo com a revelação da proximidade de Deus, a ponto de podermos chamá-lo de Pai.

Agostinho, nas Confissões, relata que a busca da experiência da essência levou-o a experimentar várias situações na vida, até perceber que a fonte e o fundamento da existência é o próprio Deus, a ponto de afirmar que o coração só terá descanso quando repousar n’Ele, na

¹Cf. JOÃO PAULO II. *A primeira narração da criação e a definição objetiva do homem*. In: PETRINI, João Carlos; SILVA, Josafá Menezes da (orgs). *Homem e Mulher os criou*. Catequeses sobre o amor humano. São Paulo: Edusc, 2005. p. 57.

²SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 77.



parusia.³ Entretanto, essa busca de sentido do ser humano pode ser condicionada pela secularização e relativismo presente em nossos dias.

Esquece que essa pluralidade de opções possíveis tornou-se também qualificação interna de sua própria convicção de vida [...] A convicção interior da pessoa é, enquanto confirmação, tão forte como antes, mas, quanto à natureza, mais modesta e reservada nesse sentido de certa forma “relativizada”: o crente moderno sabe que existe também em outras convicções de vida.⁴

Jamais podemos esquecer que é Deus que se permite conhecer, a revelação e todo o seu processo é iniciativa divina. Assim, temos o que seria a revelação natural, ou seja, é aquilo que a natureza humana permite chegar por meio de sua capacidade intelectual. Contudo, uma pessoa pode chegar à resposta de que Deus existe, mas se não tiver fé, isso pode não mudar em nada a sua existência.

Não podemos deixar de lado a revelação sobrenatural ou transcendente, à qual chegamos pela fé, porque foge totalmente à lógica humana, da razão. Infelizmente “a consciência moderna também nos fez pobres de experiência”⁵ para não buscarmos contato com Deus e nem perceber os “sinais divinos”. Assim, é necessário um processo de amadurecimento na fé.

Não só o cristianismo possui tal pensamento. De maneira geral, as religiões preservam o princípio da experiência religiosa que determinado grupo de pessoas, sociedade, cultura fazem da experiência do transcendente, daquilo que é “absoluto”.⁶

A religião supõe um sentimento que pode ser identificado como a busca que o ser humano faz para encontrar sentido à sua existência, dar respostas a questões da vida e direção para o seu agir.⁷

2. O CORPO

O conceito de corpo, e até mesmo de matéria corpórea, foi por muito tempo considerado como merecedor de castigo, que precisaria ser dominado e domado. Assim, o corpo era visto como algo fora do ser humano, que não pertencesse a ele e que era concedido, na verdade, pelo “reino das trevas” ou pela concepção platônica do corpo, que o considera como aprisionador da alma e de sua verdadeira origem e/ou essência.

Com o desenvolvimento das sociedades, da cultura e do conhecimento, tanto na ciência de modo geral quanto na teologia, tenta-se uma valorização do corpo, um reconhecimento dele como unidade; porém, essa concepção por vezes acontece de forma equivocada, levando as pessoas a focar na questão da satisfação dos prazeres e não na de que ele faz parte de uma unidade própria que forma o ser humano.

A corporeidade do ser humano é formada para a comunhão com Deus, com as pessoas e consigo mesmas e não algo meramente individualista ou alienante. O corpo é a forma de o ser humano expressar seus sentimentos, seus afetos, seus desejos e vontades, que por um lado é

³Cf. AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 55.

⁴SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. p. 76.

⁵Ibid., p. 78.

⁶Cf. Ibid., p. 90.

⁷Cf. Ibid., p. 37.



positivo, porém pode ser negativo se resumir o ser humano a uma área apenas de sua existência ou ao fechamento para as relações de amadurecimento.

Nas celebrações sacramentais, as pessoas ficam em várias posições para expressar atenção, contemplação, oração, alegria dentre outros elementos. Entretanto, é perceptível quando os fiéis ficam “desconcertados” dentro das celebrações por não estar à vontade, por transparecer aquilo que não são ou porque precisam mudar alguma realidade de sua vida.

Então por que se preocupar com isso, num mundo tão secularizado e no qual as pessoas não querem uma relação com Deus? Será que isso é verdade? O que podemos afirmar é que as pessoas, na realidade, querem até uma relação com Deus, com o ser transcendente, mas não concordam com a instituição formada, acreditam que podem ser autônomas nessa caminhada.

Mesmo afirmando essa autonomia, percebemos o interesse de muitos em batizar seus filhos, de inseri-los na catequese, na participação da eucaristia, em solicitar a celebração das exéquias de alguém querido, na realização do matrimônio de forma sacramental, dentre outros.

Assim sendo, as pessoas tentam uma forma de estar com Deus, buscam depositar um sentido na vida, não concordam com a instituição. Entretanto, vão ao encontro dela para pedir alguma coisa, para participar dos ritos sagrados, sendo que aquilo que gostariam de ser ou naquilo que gostariam de permanecer em relação a sua pertença ao Reino de Deus é expresso em seu comportamento e em seu corpo.

3. SACRAMENTOS E O RITO CELEBRADO

Sacramentos, pela definição clássica, são sinais sensíveis (perceptíveis) da graça invisível de Deus, uma efusão especial do Espírito Santo para uma realidade específica da pessoa, que abarca desde o nascimento até a morte. Além disso, eles não contêm apenas uma graça específica e sim a comunicam para quem os recebe.⁸

Antes da renovação litúrgica do Concílio Vaticano II, os sacramentos eram tidos apenas como ritos a serem cumpridos e realizados. As pessoas não participavam ativamente; algumas poderiam recebê-los por medo ou por tradição.

Mesmo após o Concílio, muitos ainda não têm a consciência do que é um sacramento e de sua importância. No entanto, já demos passos significativos para mudar esse quadro.

A Igreja confessa sua fé e oferece seu apoio a cada cristão. Aí se manifesta e fortalece a vida segundo o Espírito de Jesus Cristo. Os sacramentos devem ser sinais de vida, mas como todas as realidades eclesiais, também estão sujeitos a uma deformação [...] que os ritos visíveis sirvam para a comunhão entre Deus e a humanidade. Esse objetivo não é atingido com uma reforma superficial; ele pressupõe uma profunda renovação do espírito evangélico.⁹

⁸Cf. DENZINGER, Henrici. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, n. 1310.

⁹CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de Liturgia*. vol I. São Paulo: Paulus: 2007, p. 275.



Os sacramentos são direcionados para a santificação, para a instrução e para a edificação de todo o povo de Deus, como membros da Igreja, como membros do corpo de Cristo.¹⁰

A celebração dos sacramentos é também o modo de preparar os fiéis para que recebam a graça de Deus com maior consciência e frutividade, cultuem a Deus e, sem dúvida, desenvolvam a prática da caridade.

A história oficial da salvação nada mais é do que o tornar-se explícito e a tangibilidade histórica da história e da graça que, desde o fundo da natureza humana divinizada pela autocomunicação divina, expande-se por todas as dimensões do homem, por toda sua história [...] portanto, o que chamamos de sacramentos não passam de eventos particularmente marcantes, eventos que se manifestam de forma clara e tangível, que integram uma história da salvação que se identifica com a vida do homem em sua totalidade.¹¹

Infelizmente, há uma prática em “desinteressar-se da vida real como todos os seus conflitos e deformar-se com a prática religiosa privativa muito aceitável pelo individualismo atual”.¹² Assim, só uma experiência ativa e consciente dos sacramentos, que nos insere no mistério pascal de Cristo, pode nos ser uma pista para superar essa prática de descarte do outro.

Os sacramentos de iniciação cristã marcam o processo de inserção na fé, como base de sustentação para a vida. Dessa forma, pelo batismo, a pessoa torna-se membro da Igreja, pertencente a uma comunidade, e não alguém que queira a “salvação individual”. Deve haver comprometimento com os outros, porque, “pelo batismo, é destinado a ser portador da palavra, a testemunha da verdade, o representante da graça de Cristo no mundo”.¹³

O sacramento da onfirmção encerra o processo de iniciação cristã, sem aquela mentalidade de que a pessoa está “madura” para a vida de fé. Ela terminou um processo que precisa ser amadurecido no decorrer da vida e tem seu valor sacramental e não algo a ser desconsiderado.¹⁴

Sem dúvida, é necessário que o fiel tenha consciência desse processo de amadurecimento que precisará enfrentar no decorrer da vida e colocar a serviço da Igreja os dons confiados pelo Espírito.

A confirmação é o sacramento do testemunho da fé, da plenitude carismática, da missão no mundo confiada a quem recebeu o selo do Espírito, a fim de que o mundo se sujeite à soberania de Deus [...] A graça da confirmação é, portanto, justamente a graça da Igreja para a missão ao mundo e para anunciar a sua transfiguração [...] isto é disposto por Deus através de sua vocação e da distribuição dos carismas do Espírito.¹⁵

A resposta ao amor de Deus por cada cristão católico deve ser gratuita, livre, espontânea não por obrigação, mas porque este sente a necessidade de contribuir para a construção do Reino, da Igreja e para propagação da boa-nova de Cristo ao mundo. Portanto, Deus chama o ser

¹⁰Cf. SC n. 59.

¹¹RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 476.

¹²CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de Liturgia*, p. 275.

¹³RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*, p. 481 – 482.

¹⁴Cf. DS n. 1628.

¹⁵DS n. 482.



humano a dar continuidade à sua obra salvadora, a fim de que mais homens se salvem e cheguem ao conhecimento da salvação. Assim, temos os dois sacramentos de serviço: matrimônio e ordem.

Pelo sacramento do matrimônio, mais do que uma condição natural e social presente nas mais diversas sociedades¹⁶, os fiéis o contraem e vivem, no dia a dia, o mistério de unidade de amor de Cristo com sua Igreja, que é sempre um amor fecundo.¹⁷

Dessa forma, os cônjuges contribuem diretamente para a santificação de um para com o outro (ajuda mútua), na aceitação e educação dos filhos que lhes são confiados “e têm para com isso, no seu estado e função um dom especial dentro do povo de Deus”.¹⁸

O matrimônio é sinal da união de Cristo com a Igreja. Assim, o matrimônio torna-se Igreja, pois se trata de uma comunidade de pessoas redimidas e santificadas, que se baseiam no mesmo fundamento de unidade em que está alicerçada a Igreja. Então, sem dúvida, é uma verdadeira Igreja particular.¹⁹

A Igreja é constituída de pessoas, que, a partir do Batismo, formam um povo sacerdotal que participa do único sacerdócio, que é o de Cristo, em suas três dimensões: real, profético e sacerdotal.

No decorrer da história da Igreja, essa concepção de povo sacerdotal foi esquecida e posta de lado. Com o Concílio Vaticano II, temos a “redescoberta” dessa dignidade a todos os fiéis e não a um grupo “seleto”.

O povo sacerdotal exerce seu ministério de duas formas: como ministros não ordenados, o que corresponde à maioria dos fiéis, que são os leigos, religiosos e religiosas; e como ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos). Um ministério não é maior que o outro; estão em complemento e a serviço um do outro.²⁰

O sacramento da ordem é um ministério para a santificação dos homens²¹, em que uma pessoa é retirada do meio do povo para servir ao mesmo povo de Deus.

No prefácio “O sacerdócio de Cristo e o ministérios dos sacerdotes”²², lemos o seguinte: “Por isso, Vosso Filho, Jesus Cristo, enriqueceu a Igreja com um sacerdócio real. E, com bondade fraterna, escolhe homens, que pela imposição das mãos, participem do seu ministério sagrado”.²³

Nesse texto, podemos perceber que o sacramento da ordem confere aos ministros, no corpo de Cristo, a Igreja, uma identidade essencialmente diferente da identidade dos demais leigos. Isso não que dizer que possuam “maior dignidade” ou que estejam “acima deles”, mas que participam de forma diferente do múnus de Cristo.

¹⁶Cf. JOÃO PAULO II. *Código de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 2010, n. 1055.

¹⁷Cf. RITUAL ROMANO. *Ritual do Matrimônio*: Introdução Geral. São Paulo: Paulus, 2011, p. 14.

¹⁸LG. n. 10

¹⁹Cf. GS 48-52.

²⁰Cf. LG 10

²¹Cf. RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*, p. 484.

²²RITUAL ROMANO. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2004, p 229.

²³Cf. *Ibid.*, p. 229.



A oração do prefácio nos fala do “sacerdócio” como um todo e da Pessoa que o instituiu a todos, Jesus Cristo, e não das pessoas que o exercem. Assim, os ordenados são distintos dos demais cristãos pelo fato de ser ungidos pelo Espírito para ser sinais de Cristo cabeça e pastor.

A vida do ser humano é marcada pela inconstância entre o pecado e a graça, dicotomia entre o bem e mal, como já tratado anteriormente. Isso não lhe diminui a dignidade, mas o ajuda a compreender-se como ser humano.

Entretanto, para ajudar o fiel nessa dinâmica e fazê-lo aproximar-se cada vez mais de Deus e de sua palavra indulgente, há o sacramento da reconciliação e o “complemento” desse sacramento para com a fragilidade do corpo é a unção dos enfermos.²⁴

Podemos afirmar que na contemporaneidade se expressa aquilo que foi fomentado pelos séculos, que é a crise do sacramento da penitência, pois temos a relativização do pecado e da própria conduta moral na sociedade. Infelizmente, entre os membros da Igreja, isso não é diferente.

O perdão, sem dúvida, foge totalmente à lógica do ser humano e pode ser considerado como um dos maiores “milagres” do amor de Deus para com a humanidade. O perdão é a forma com que Deus se comunica as pessoas, que no seu cotidiano acabam dizendo não ao seu projeto.²⁵

A Igreja, na pessoa do seu ministro ordenado a partir do segundo grau do sacerdócio, fica responsável por administrar esse perdão de forma sacramental. O perdão é um pressuposto para a própria conversão.

Num certo momento da vida, algumas pessoas se deparam com a situação de finitude, tanto pela velhice quanto por uma doença. Isso as coloca a sós consigo mesmas, com Deus e diante da realidade mais temível, a morte.

Dessa forma, temos o sacramento da unção dos enfermos, um alento de Deus para que a pessoa não se sinta só, mas cuidada por Ele e consiga depositar um sentido ao momento por que está passando.

A Igreja compareça também visivelmente ao leito do doente, a fim de que aquela misteriosa circulação da vida divina não só circule livremente em nós, mas se encarne também na nossa experiência tangível e assim a graça nos seja de novo infundida também através dessa manifestação e penetre com mais vigor salvífico a nossa vida e nossa morte [...] criando a salvação para a Igreja e para a situação de enfermidade de seu membro, bastando que seja acolhida pelo homem que crê e deseja o perdão.²⁶

Centro para a expressão e para a experiência do mistério pascal de Cristo, o sacramento da eucaristia é, sem dúvida, base para todos os demais sacramentos. Assim, torna-se vida para toda a Igreja.

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência de fé, mas contém, em síntese, *o próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante dessa promessa: “Eu estarei convosco, até o fim do mundo”(Mt 28,20); mas, na sagrada Eucaristia, pela

²⁴Cf. RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*, p. 487.

²⁵Cf. *Ibdi.*, p. 487.

²⁶Cf. *Ibid.*, p. 490.



conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par.²⁷

Por fim, pela participação na eucaristia, os fiéis oferecem os dons da terra e a própria vida a Deus, cada qual de acordo com sua vocação comum e própria, para que, pela comunhão, todos possam ver a unidade do Povo de Deus em torno do altar do Senhor.²⁸

Os ritos dos sacramentos são expressões dessa dinâmica que abarca a busca do homem por Deus, a vida de fé e seu desenvolvimento pela ascese. Portanto, em todo o trabalho monográfico é possível perceber a dimensão sacrificial como sinal de esperança e como pode ser demonstrado na vida de cada indivíduo.

Rito nada mais é que um conceito antropológico que nos permite abarcar a sacramentalidade da liturgia e da vida humana, como uma manifestação gestual das religiões, sendo uma maneira de expressar aquilo que se acredita²⁹. Dessa forma tem que haver uma ligação diretamente do rito com a vida das pessoas, caso contrário, só teremos um afastamento entre rito e fiéis.

Não podemos esquecer que os ritos são formados por símbolos que tocam, ou que deveriam tocar, o mais profundo das pessoas (sua alma) tendo como finalidade remeter a pessoa ao mistério (à realidade) que está celebrada e não um mero cumprimentos de normas.

O corpo é essencial para se adentrar no mistério celebrado, para poder perceber a riqueza dos símbolos e remeter a alguma situação. Assim, na liturgia é necessário mais de um sentido para poder perceber o que está sendo realizado a partir de tal rito, por exemplo quando se usa o incenso, o olhar, o olfato e o sentir estão sendo interferidos por algo que vem de fora e uma realidade que se quer mostrar e fazer com que a pessoa esteja presente nela.

CONCLUSÃO

No que diz respeito aos ritos e liturgia, é preciso que sua objetividade penetre na subjetividade, mas para isso é necessário unir gestos com as orações proferidas, pois mente, corpo e alma devem estar em consonância com aquilo que se celebra.

Faz-se necessário superar a dicotomia entre alma e corpo, liturgia e vida, pois essas realidades formam uma unidade, onde uma auxilia a outra a fazer com que o ser humano se encontre com Deus num processo de relações não só transcendente, mas também com as pessoas.

Mesmo que haja certa ausência de sentido no que diz respeito aos símbolo, aos ritos e até mesmo à forma de vivenciar tais realidades devido ao engessamento proporcionado por pessoas que não têm a mínima noção do que são normas a seguir, percebe-se uma tentativa de reaproximar as pessoas das celebrações para ajudar no encontro com Deus e amadurecimento da fé, justamente porque não adianta pensar que para se chegar à experiência do mistério não é necessário passar pelo material, pois o sacramento é esse sinal material que nos une ao espiritual.

²⁷JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 3.

²⁸LG n. 11.

²⁹Cf. BUYST, Ione, *Os segredos dos ritos*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 48.



BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de Liturgia*. vol I. São Paulo: Paulus: 2007
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2012.
- BUYST, Ione, *Os segredos dos ritos*. São Paulo: Paulinas, 2011
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005
- _____. *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 2010.
- PETRINI, João Carlos; SILVA, Josafá Menezes da (orgs). *Homem e Mulher o criou Catequese sobre o amor humano*. São Paulo: Edusc, 2005.
- RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008.
- RITUAL ROMANO. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2004
- _____. *Ritual do matrimônio: Introdução Geral*. São Paulo: Paulus, 2011
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.